

Leveza e sensibilidade



Fotos: Almir Israel

Olga Lebedeff, gaúcha de Santana do Livramento, iniciou seus estudos de pintura na Escola Nacional de Belas Artes, tendo sido aluna do grande mestre da gravura brasileira Oswaldo Goeldi.

No Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, estudou e trabalhou sob a orientação de Ivan Serpa, um dos maiores nomes da pintura e do desenho no Brasil. Ainda no Museu de Arte Moderna, fez o curso de gravura em metal com o mestre europeu Johnny Friedlander e, posteriormente, aperfeiçoou essa técnica com o brasileiro Rossini Perez.

Olga, além das exposições realizadas no Brasil, expôs também seus trabalhos em vários países como França, Estados Unidos, Inglaterra, Argentina e Chile e hoje contempla a revista Banco Essencial com seu depoimento, onde ressalta os aspectos ligados à criatividade e a dedicação ao trabalho artístico.

B.E. - Quando começou o seu interesse pela pintura?

Olga - Penso que veio através da música, pois estudei piano durante oito anos e, paralelamente, o desenho. Foi uma conjugação de experiências adquiridas na música e na plástica. Em relação à música embora eu achasse que a arte de interpretar com perfeição representava uma vitória, eu gostaria também de ter interferido no processo de criação, da obra em si. E foi através da imagem, da pintura, que eu encontrei aquilo que sempre havia aspirado. Eu me senti realizada através das artes plásticas pois o contato direto com um meio riquíssimo para a observação me levou à decisão final de abandonar a música e me dedicar exclusivamente à pintura. Isso aconteceu no Rio de Janeiro ainda como aluna de Oswaldo Goeldi, na Escola Nacional de Belas Artes, e do Museu de Arte Moderna, com Ivan Serpa como professor de pintura.

B.E. - Vamos falar um pouco desses seus quadros que aqui estão, este por exemplo?

Olga - Iniciei o meu trabalho com gravura pois a proximidade que havia entre a linguagem plástica e o laboratório, me cativava. A gravura em metal exige uma montagem de laboratório. Uma linguagem que levou depois a esse quadro. Eu trabalhei durante uma temporada grande no Museu de Arte Moderna, com Friedlander, ao lado de Rossini Peres, Ana Leticia, Edith Beringer. Aquela técnica de transparência um pouco diferente da xilogravura onde iniciei, fez com que eu continuasse pesquisando as técnicas em aquarela, acrílico e óleo. A linguagem de gravura disciplina muito e a linguagem da pintura não visa a reprodução por se tratar de uma obra única e definitiva, e isso me possibilitou juntar as duas coisas. As transparências e as experiências se fundiram na pintura. Passei a me sen-

tir não só a intérprete, mas também a criadora de uma mensagem que eu deixei nesse quadro que você está vendo. Ele representa a participação da ciência e do homem, através da criação e da preservação da vida. Então, o vidro, o sangue e o laboratório, penso que estabelecem um ciclo que envolve a ciência, a arte e o homem.

B.E. - No seu caso, a criatividade sempre esteve dentro de você, ou foi adquirida e trabalhada ao longo de sua vida? Enfim, a criatividade é uma coisa inerente da pessoa humana, ou ela é uma coisa educada na pessoa?

Olga - A capacidade de criar está muito ligada a capacidade de ver e absorver, isto é, o momento de ver apreciando, selecionando e pensando. Um mergulho na utopia e no lirismo. Eu tenho no meu trabalho a união de três coisas importantes: o sonho, a sensibilidade e a participação do ser humano. No caso do quadro vermelho, por exemplo, existe um simbolismo onde a cultura está muito presente, expressada através das casas e dos livros. Esse quadro tem a dimensão, o horizonte e, ao mesmo tempo, simboliza os primeiros planos e aqueles mais afastados, como se fosse uma viagem. Existe nele uma perspectiva longínqua, e tem também um primeiro plano onde, além da casa, percebe-se o intelecto. A cor predominante simboliza a terra, enfim, a realidade em que vivemos. Um dado importante na minha personalidade artística é a minha própria origem. Meu pai é Kossaco do Dom. A minha vida toda foi pautada em histórias de lugares distantes, muito românticos e cheios de saudade. Tudo isso me influenciou muito.

B.E. - Em se tratando de filha de imigrante, como foi a aceitação da sua obra? Você encontrou dificuldade nesse campo?

Olga - Foi um pouco difícil, porque a imagem da Rússia no Brasil passou, eu diria, por três estágios: ini-

por Olga Lebedeff

cialmente, o período da participação da Rússia na II Grande Guerra; depois o período em que os aspectos políticos tiveram um peso significativo, onde os ideais não coincidiam com aqueles existentes no Brasil; e, atualmente, com a abertura, a vontade de estabelecer uma integração com o ocidente. Meu pai sempre me passou uma imagem muito doce da Rússia. Ele pertenceu a uma região muito intelectualizada e se formou em engenharia química na Checoslováquia. E mesmo considerando o fato de ter deixado a Rússia em 1917, ele sempre me transmitiu uma vontade de crescer e de apreciar tudo, pois ele tinha essa mesma atitude com relação à Rússia e ao Brasil.

B.E. - Como surge o processo de criatividade? Existe um momento pré-estabelecido ou ele pode surgir a qualquer instante de forma espontânea? Como acontece isso?

Olga - Eu considero que não há uma hora pré-estabelecida para a criação. Eu, particularmente, procedi sempre de forma a me encantar com qualquer coisa, procurando nas coisas simples, a leveza e a sensibilidade. Eu aprendi algo muito interessante com o mestre que me iniciou na pintura, o Ivan Serpa. Ele dizia que o importante era esgotar todas as possibilidades de qualquer forma existente, pois qualquer forma é válida e bela.

B.E. - A sua obra, antes de ir para a tela, ela já é visualizada, enfim, ela já está pronta na sua mente?

Olga - Na realidade a criação é um processo de abstração que, aos poucos, vai tomando forma, vai se organizando, se desenvolvendo e se materializando.

B.E. - Vamos explorar um pouco essa idéia de abstração. O mundo está em chamas, o seu trabalho continua? Existe uma abstração total, um isolamento do mundo quando você está pintando?



Olga - Eu sinto que o artista também sofre esse tipo de influência. O meu trabalho, de uma certa forma, reflete o que se passa no mundo, cujos acontecimentos influenciam as linhas, as cores e a temática.

B.E. - E como se dá o trabalho de pintura? Ele é contínuo ou deve ser interrompido para uma nova reflexão? Como funciona isso?

Olga - Aí é interessante, porque eu sinto aquela interação com a música. Quando nos sentamos para ouvir uma melodia, nós divagamos, nos deixamos envolver. Eu me sinto assim, quando estou pintando. Há uma identificação entre a música e aquela linguagem plástica, perco até a consciência se estou fora ou dentro da tela.

B.E. - Seu compositor favorito?

Olga - Gosto muito de Villa Lobos, principalmente as bachianas.

B.E. - Você gosta de Bach?

Olga - Gosto. Considero Bach um criador plástico musical, pai de uma linguagem moderna. Entre os estrangeiros, gosto daqueles considerados românticos, e dentre eles, eu gostaria de destacar Chopin.

B.E. - Eu seria capaz de jurar que aquele quadro tem uma inspira-

ção bachiana, pelas suas formas geométricas, e eu penso que existe muita geometria na música de Bach. Por essa razão eu perguntei se você gostava dele.

Olga - Na realidade, eu sinto mais a influência do romantismo e do espírito russo, principalmente Tchaikovsky, me sensibiliza bastante. Na pintura russa, o pintor que eu mais me identifico é Kandinski. Ele tem uma liberdade de traço, uma flutuação de formas que, longe de serem influenciado o meu traço, espiritualmente influenciou na minha tentativa de liberdade de criação.

B.E. - E os humores, fazem parte da sua obra? A tristeza e a alegria exercem influência no seu trabalho?

Olga - O estado de espírito exerce sempre uma influência grande no trabalho do artista em geral. No caso da pintura, as variações observadas nas cores, na forma e na própria temática, são as principais características dessa influência.

B.E. - Observa-se que a religião, o misticismo, exerce uma influência nas obras de arte. Temos em Congonhas o trabalho do Aleijadinho e na Itália as esculturas Michelângelo. Como você vê isso?

Olga - Influi bastante. Naquela

época, a concepção do espaço era o céu. Hoje nós temos uma concepção diferente pela própria conquista do espaço, o que leva o homem a ter uma visão de cima para baixo.

B.E. - A arte, no seu entendimento, pode contribuir para a evolução da humanidade, isto é, pode interferir nos movimentos sociais?

Olga - Nós estamos vivendo a era das comunicações. Existe uma aproximação cada vez maior entre os povos através destes meios, o que possibilita você aqui no Brasil, assistir ao vivo, o que se passa em outras partes do mundo. A música, as artes plásticas, a literatura, o teatro, enfim, toda a linguagem da expressividade humana se aproxima, pelo conhecimento do que o outro está fazendo. A imagem de um povo se faz pelo que ele é capaz de criar. O importante é a preservação da identidade própria de cada povo, poder evitar que, ao tomar conhecimento de outras culturas, o homem não adquira no campo das artes, fórmulas apresentadas por outros artistas. Esta é uma linguagem que não necessita de tradução.

B.E. - O que gera a motivação pela arte, o lado financeiro, o intelectual ou o desejo de adquirir a imortalidade?

Olga - Eu acho que a arte tem uma semelhança muito grande com os filhos. Através deles há uma perpetuação, uma doação.

B.E. - O dinheiro não realiza o artista?

Olga - Eu acho que o dinheiro não é a motivação para um artista realizar o seu trabalho. A preocupação com o resultado financeiro no trabalho artístico pode afetar negativamente a própria criatividade. A importância da divulgação leva o artista a vender o seu trabalho e naturalmente será a sua sobrevivência também, caso se dedique integralmente à arte.

B.E. - Em outras palavras, a recompensa do trabalho é o próprio trabalho?

Olga - Sim. O reconhecimento pelo trabalho realizado é extremamente importante para o artista.

B.E. - Como é o perfil das pessoas que se interessam pela arte?

Olga - É um campo bastante difícil. Já apresentei meus trabalhos na Europa, nos Estados Unidos, na OEA, em 1971, através de um convite, após uma análise do meu trabalho, feito pelo crítico José Gomes Sucre, em Washington, que na época era diretor artístico daquela organização. Depois, eu tive a satisfação de trabalhos meus serem submetidos a um júri em Paris, e serem expostos no Gran Palais, no salão dos artistas franceses, onde havia uma pequena participação de brasileiros. Participei de uma exposição na Embaixada do Brasil em Londres. Naquela oportunidade, um dos trabalhos foi adquirido por um dos maiores colecionadores ingleses, o Rochild. Esse fato, sem dúvida, foi o reconhecimento por um trabalho realizado com dedicação e isso engrandece o artista. No Rio, no Instituto Brasil-Estados Unidos - IBEU, participei de uma amostra anual, que foi organizada pelo crítico Mark Bercovitz, de origem russa, chamada "O Rosto e a Obra". Participei também de exposições no Museu de Arte Moderna, no Rio, em São Paulo e outras nos Estados Unidos.

B.E. - A criatividade é um processo solicitário ou solidário? As pessoas em volta influenciam ou é um processo introspectivo?

Olga - A criatividade vem através de uma introspecção mas também é influenciada pelo meio ao qual o artista pertence.

B.E. - O artista é um predestinado?

Olga - Não sei bem como responder a essa pergunta. Picasso dizia que a criação era 5% de inspiração de 95% de transpiração. Eu acredito muito nisso porque todos nós temos a capacidade de criar. Algumas pessoas têm a felicidade de continuar criando e outras, por um motivo qualquer, são



levadas a diversificarem suas atividades.

B.E. - No seu entendimento, a arte é uma ciência, uma técnica ou é a partir do acaso que ela se realiza?

Olga - Até hoje no mundo não está presente só uma tela; ela está presente em tudo, como por exemplo, numa revista, num cartaz, num jornal e nos cinemas. Através de um processo de indução ela pode modificar até o comportamento, e daí a importância da compreensão de que tudo é arte. Com relação ao acaso que você se referiu, eu penso que ele não existe. É como se todos elementos que cercam o artista, de repente se integrassem nesse todo e se traduzisse numa mensagem que só ele seria capaz de entender. O meio é comum a todos, mas a interpretação desse meio seria de caráter pessoal e criativo.

B.E. - Muito Obrigado. Se você quiser fazer mais alguma colocação sobre o assunto seria um prazer.

Olga - Eu acho muito interessante a oportunidade de conversar sobre a arte, porque na maioria das vezes a coisa se dá mais na forma de monólogo, em razão da dificuldade que o artista tem para falar sobre a sua obra. Ele tem mais a oportunidade de ser visto do que ser ouvido. A intenção de investigar o que o artista pensa, sem analisar cada trabalho, é uma satisfação muito grande.